AS NOVAS TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTA AUXILIAR NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS[1]

Luzinete Firmino de Moura[2]
José Amarino Maciel de Brito[3]

Resumo: Este artigo buscou mostrar o quanto as novas tecnologias vêm impactando no dia-a-dia da sala de aula como ferramenta auxiliar nos processos de ensino e de aprendizagem, tomando como base o caso do ensino da Língua Inglesa, por ser este componente curricular aquele que mais deveria contribuir para que se tirasse o melhor proveito das novas tecnologias e do mundo virtual em que os alunos estão inseridos, no qual este idioma é mais empregado, seja na navegação pela internet em suas buscas por conteúdos em que a língua inglesa tem destaque, a exemplos de músicas, filmes, *games*, aplicativos e até nas redes sociais. Em nossa pesquisa, também tratamos de conceituar os termos que permeiam o universo em que as novas tecnologias se destacam, tais como letramento digital, ciberespaço, cibercultura, era digital e plataformas virtuais. Foi feita uma pesquisa de campo, de caráter quali-quantitativo, junto aos professores de Língua Inglesa e de outros componentes curriculares de várias escolas da rede púbica da cidade de Humaitá para entender o significado do Programa "Professor na Era Digital" no meio escolar. Ao final da pesquisa, concluímos que o referido programa não tem colaborado muito para que os professores da Educação Básica inovem em suas práticas docentes, não pela falta de interesse destes, mas pela falta de empenho dos agentes públicos que o criaram no sentido de treiná-los para o melhor uso destas ferramentas.

Palavras-chave: Novas Tecnologias. Ensino de Língua Inglesa. Programa "Professor na Era Digital".

Abstract: This paper was intended to show how much the New Technologies has been impacting the classroom daily activities as an aiding tool in the teaching and learning processes, taking the English Language teaching as a base for its research, which is due to the fact that this subject is supposedly the one that should mostly contribute for the students to get more engaged with the most common new technology devices, as well as to instigate their success in the virtual contexts they belong to, where the English is the predominant language, either for internet browsing in their searches for music, videos, images, games and general information as well. In our research, we also defined the terms that are very common when New Technologies is the main topic, such as digital literacy, cyberspace, cyberculture, digital era and virtual platforms. We also carried out an empirical quantitative and qualitative research to collect data from English teachers and those who teach other subjects in Humaitá's public schools to understand how much the State Program called "Teacher in the Digital Era has benefited them" and how much it has changed their teaching practices. We have concluded, from our analysis, that this program has had a very weak impact over the teaching and learning processes, and that this is mostly due to the fact that these teachers have not received any kind of training to deal with those devices and the educational software that was included in the notebook, what seems to be one of the main reasons for this program failure.

Keywords: New Technologies. English Language Teaching. "The Teacher in the Digital Era" Program.

---

[1] Artigo cientifico exigido como componente integrante da disciplina de Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.

[2] Acadêmica finalista do Curso de Letras (IEAA/UFAM). E-mail: luzinete.laiza1981@gmail.com

[3] Professor orientador do TCC. E-mail: ammacbr@msn.com

INTRODUÇÃO

Este artigo trata da importância que as novas tecnologias podem desempenhar em sala de aula como recursos didáticos que possam auxiliar o professor de Língua Inglesa no ensino deste idioma de forma mais dinâmica e atraente para os alunos e também mostra como estas novas tecnologias vêm sendo integradas às escolas da rede pública da cidade de Humaitá (AM).

A temática que será abordada ao longo deste estudo engloba, a princípio, as concepções acerca do que sejam “novas tecnologias”, “cibercultura”, “era digital”, “letramento digital” e “plataformas virtuais”, todas elas direcionadas para uma ótica em que o ensino de Língua Inglesa poderia ser alcançado de forma mais dinâmica e mais interativa.

Para embasar a fundamentação teórica de que se constitui a fase inicial da pesquisa, isto é, a pesquisa bibliográfica, faremos alguns recortes do que é abordado pelos teóricos escolhidos para tal embasamento: Magda Soares (letramento digital), Pierre Lévy (cibercultura) e José Manuel Morán (novas tecnologias aplicadas à educação).

Esta pesquisa, que foi feita em duas etapas (revisão de literatura e pesquisa empírica), teve como objetivos: conceitualizar os termos a serem empregados ao longo deste artigo; ilustrar o uso de algumas ferramentas virtuais que podem facilitar o trabalho docente voltado para o ensino de Língua Inglesa; e investigar junto aos docentes desta área como eles estão (ou não) lidando com estas novas tecnologias em sala de aula.

Para a segunda fase deste estudo, foram escolhidos seis professores de Língua Inglesa que atuam na Educação Básica oferecida pelas escolas da rede pública da cidade de Humaitá que figurarão neste artigo como sujeitos-respondentes dos instrumentos de coleta de dados, cujas identidades serão mantidas em sigilo e serão aqui representadas pelas siglas P1, P2, P3, P4, e P5[4]. Como extensão da primeira parte desta fase empírica, uma segunda pesquisa foi feita, agora junto a 39[5] professores de outros componentes curriculares, totalizando 44 professores que também são tratados neste artigo pelas siglas de P6 a P44.

---

[4] Dos seis professores de Língua Inglesa previamente selecionados, apenas cinco deles responderam à nossa pesquisa.

[5] Foram distribuídos 40 questionários e somente 39 foram retornados.

Esta pesquisa classifica-se como pesquisa qualitativa, em sua fase inicial, uma vez que sua dinâmica vai pontuando cada questão-norteadora na busca de respostas ou das explanações que façam com que os objetivos sejam alcançados ao seu final.

Na segunda fase da pesquisa de campo, esta passou a ter um caráter mais voltado para a pesquisa quantitativa.

Por último, esclarecemos que tal pesquisa se deu a partir da inquietação diante de um programa do Governo do Estado do Amazonas, lançado há quase uma década, que prometeu revolucionar o ensino no estado a partir da inserção das novas tecnologias em sala de aula e que parece não ter surtido os efeitos esperados.

Espera-se, com este trabalho, também contribuir para a reflexão das atuais práticas docentes no sentido de se romper com os velhos paradigmas que continuam relegando as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) à margem do universo da sala de aula.

1.ASPECTOS CONCEITUAIS

Antes de partirmos para a pesquisa de campo, fizemos uma revisão de literatura, com base nos trabalhos de pesquisa já realizados no IEAA/UFAM sobre o mesmo tema aqui abordado e dos teóricos escolhidos para esta pesquisa bibliográfica, com o objetivo de compreendermos quais as concepções que são dadas para a temática a ser abordada ao longo desta pesquisa, a saber: Cibercultura, Novas Tecnologias (TICs), Letramento Digital e Plataformas Virtuais.

Embora haja teóricos que já definam o momento que vivemos no mundo contemporâneo como um momento pós-moderno[6], a exemplo de Stuart Hall e Krishan Kumar, nós constatamos que as escolas da rede pública da cidade de Humaitá não são o melhor exemplo para ilustrar o que seria uma escola da era pós-moderna, pois alguns paradigmas ainda mantidos por elas impedem nossa entrada nesta era, como vamos mostrar a seguir.

Apesar das novas tecnologias já estarem ao alcance dos alunos e de alguns dos professores, o padrão adotado pelas escolas da rede pública em todo o Estado

[6] A pós-modernidade é um conceito atual e complexo que se aplica a várias áreas e que já vem sendo empregado desde a queda do Muro de Berlim para contrastar com o moderno. Segundo os teóricos Hall e Kumar, enquanto a modernidade é caracterizada pela crença na ciência, a pós-modernidade aparece como uma crítica à modernidade, seus valores e princípios, focando a subjetividade, multiculturalismo e a pluralidade. (Definição extraída de: https://conceitos.com/pos-modernidade/)

do Amazonas parece depender de um programa que foi lançado há quase dez anos e que não tem surtido os efeitos prometidos durante o seu lançamento, como também mostraremos mais adiante.

O universo em que as escolas públicas da cidade de Humaitá estão inseridas é de grande preocupação, bem como o universo que hoje é ocupado pelos professores que estejam desconectados deste momento pós-moderno em que as novas tecnologias se constituem, ao mesmo tempo, num grande aliado e numa grande ameaça.

Para Lévy (1999), a organização educacional da forma como nós conhecemos hoje está ameaçada e os professores excluídos do mundo digital estão fadados ao desemprego. Para ele, desde o momento que passamos a conviver com as novas tecnologias e fomos modificando nossos comportamentos diariamente para nos adaptar a elas, passamos a integrar o que ele chama de “cibercultura”.

Embora a cibercultura não seja uma verdade universal, o caminho que a internet nos sugere é sem volta e nos leva a contribuir para que ela só avance, ou seja, a tendência é a de que todos cheguem a povoar o ciberespaço e se integrem a esta comunidade cibernética a que muitos já integram de forma muito desigual e irregular.

Há tempos, estamos todos dependentes de máquinas que só evoluem. Os espaços escolares não estão acompanhando esta evolução cibernética, o que muitos ainda nem conseguem enxergar.

Recentemente, um documento lançado pelo MEC, em sua terceira versão (como versão final), intitulado BNCC – Base Nacional Comum Curricular (2017), faz a seguinte ponderação quanto à aprendizagem da Língua Inglesa a partir da mesma concepção do contexto que apresentamos acima:

> Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias (BNCC, Língua Inglesa, Ensino Fundamental, p. 199).

E, mais adiante, este mesmo texto tenta definir sob quais propósitos este idioma deva ser ensinado:

> Ensinar inglês [...] tem, para o currículo, duas implicações importantes. A primeira é que ela obriga a rever as relações entre língua, território e cultura, na medida em que os falantes de inglês já não se encontram apenas nos países em que ela tem o caráter de língua oficial. Trata-se, portanto, de definir a opção pelo ensino da língua inglesa como língua franca, uma língua de comunicação internacional utilizada por falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais. Essa perspectiva permite questionar a visão de que o único inglês correto – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos, por exemplo. Desse modo, o tratamento do inglês como língua franca o desvincula da noção de pertencimento a um determinado território e, consequentemente, a culturas típicas de comunidades específicas. Esse entendimento favorece uma educação linguística voltada para a interculturalidade, isto é, para o reconhecimento das (e o respeito às) diferenças, e para a compreensão de como elas são produzidas (*ibidem*).

Vê-se, assim, que a preocupação do MEC com os destinos que serão dados à escola e à educação no futuro já está muito fora de tempo, pois já falamos de cibercultura, ciberespaço, pós-modernidade, letramento digital e plataformas virtuais bem antes de sermos todos tragados pelas novas tecnologias. Somente agora que se propõe a sua descoberta.

Embora compreendamos que o que se anuncia neste documento seja um contrassenso diante da realidade a que todos já integramos há bastante tempo, vamos ilustrar este paradoxo com as definições que faremos de alguns termos que já deveriam ser populares no meio escolar.

1.1 Cibercultura

Como definido pelo próprio documento que citamos acima, o universo virtual em que os alunos das escolas da rede pública da cidade de Humaitá estão inseridos por conta do acesso que fazem aos dispositivos eletrônicos que manuseiam diariamente pode ser aqui definido como ciberespaço. E, neste ambiente virtual, eles já integram o espaço cibernético em que as interações feitas por eles justifiquem o que Lévy (1999) chama de cibercultura.

A cibercultura se contrasta com a cultura do mundo real, pois ela se dá no mundo virtual. Para Levy (*ibidem*), há que se diferenciar uma da outra, embora elas se confundam muitas vezes, dada a interação avançada que ocorre através das novas tecnologias já ao alcance da maioria da população brasileira[7].

---

[7] Segundo pesquisa publicada no mês de maio de 2016 pelo Estadão, a qual foi conduzida pelo Professor Fernando S Meireles da Fundação Getúlio Vargas, o Brasil já tinha mais de 220 milhões de aparelhos de

Não há como negar o poder dominante que a internet exerce sobre a sociedade atual. Por isso, dissemos aqui que a tendência é de que estes dados avancem ainda mais e que mais pessoas passem a integrar o ciberespaço e sejam influenciadas pela cibercutura que, segundo Soares (2002, p. 156), surgiu paralelamente à cultura do papel a partir do letramento digital, outro termo que parece não integrar o vocabulário escolar.

Não se pode atribuir à resistência da escola ao universo virtual de que estamos tratando aqui por um mero temor que as novas tecnologias pudessem suprimir as antigas e que estas pudessem, inclusive, depreciar o valor do trabalho docente. Na verdade, o computador ainda não anulou o gosto das pessoas pela televisão, mas é inegável que alguns equipamentos sofisticados estejam ocupando a sala de aula pouco a pouco e todos passamos a nos adaptar a eles. Quanto à televisão, ela teve que se adaptar às novas tecnologias. Da mesma forma, nossa forma de dar aula parece mais dependente de aparelhos e aplicativos como “projetor de multimídia” e “power point”, por exemplo. Não se deve estranhar que logo avancemos para as plataformas virtuais de fácil acesso durante nossas aulas.

Esta pode não ser a realidade do momento das escolas públicas da cidade de Humaitá, mas já é fato notório em muitas escolas da rede particular por todo o país.

Só para ilustrar um caso mais próximo, a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), nesta mesma cidade, já ofereceu cursos na modalidade EàD[8] que garantiram diplomas de graduação a muitos humaitaenses através de recursos tecnológicos avançados.

Há que se ressaltar que a legislação vigente permite a oferta de cursos em vários segmentos na modalidade de ensino à distância. E estes cursos são também um exemplo do que só se pode obter com a combinação das novas tecnologias com o universo virtual que engloba desde o letramento digital, passando por suas plataformas virtuais, até a inserção dos alunos numa cultura que já não é mais aquela do papel.

---

celulares inteligentes (*smartphones*) em uso desde 2015, o que superava o número de habitantes do país. https://link.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-ja-tem-mais-de-um-smartphone-ativo-por-habitante-diz-estudo-da-fgv,70002275238

[8] Embora EàD conste, em muitos documentos oficiais, como Educação à Distância, nós preferimos a nomenclatura Ensino à Distância por acreditarmos que é possível se ensinar a distância, mas não educar.

Para entendermos o quanto as escolas estão próximas ou distantes da pós-modernidade anunciada por Kumar e Hall em suas obras, passamos a definir alguns termos ligados à cultura cibernética em que todos estão inscritos.

1.2 Novas Tecnologias

Embora haja muitas definições para as novas tecnologias voltadas para a informação e comunicação (também conhecidas como TICs), nós nos restringiremos, neste artigo, apenas às novas tecnologias aplicadas ao processo de ensino e de aprendizagem no âmbito da escola, já que este é o foco de nossa pesquisa.

Tomamos, aqui, como novas tecnologias todo equipamento, dispositivo ou aplicativo que possa ser usado na sala de aula para dinamizar o processo de aprendizagem e auxiliar o professor no seu esforço para conduzir o processo de ensino da forma mais satisfatória e positiva possível. São exemplos destas novas tecnologias para uso em sala de aula: celular *smartphone*, *notebook, tablet* , projetor de multimídia e todos os aplicativos que possam ser usados para fins educacionais e de ensino.

Sendo assim, entendemos que, por si sós, as novas tecnologias não podem fazer qualquer milagre na vida do aluno ou professor se estes não tiverem o conhecimento de como usar tais aparelhos para o melhor usufruto do que sua tecnologia avançada possa oferecer.

Acreditamos que o que mais pode fazer milagre na sala de aula é a forma de comunicar e de agir do professor, dentro da imprevisibilidade, como disse o Professor José Manuel Morán, da USP, em uma palestra proferida na TV Escola em 1999. Segundo ele, o uso das novas tecnologias deve ser acompanhado por mudanças na forma de ensinar, sem que o professor passe para estas o seu papel de educar. Para ele, na contemporaneidade, o ensino e a educação devem se ajustar às novas mudanças proporcionadas pelas novas tecnologias em uso na sala de aula:

> Ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas para nós e conseguir integrá-las dentro da nossa mente e da nossa vida.

Para o Professor Morán, as mudanças na educação para a era que vivemos não devem se restringir apenas àquelas ações que ocorrem em sala de aula, mas devem também ser assumidas pelos pais, coordenadores, gestores, empresários e todos aqueles que possam estimular os alunos e professores a inovarem no que fazem na sala de aula. Para ele, alunos motivados e curiosos facilitam o processo de aprendizagem. E as novas tecnologias não podem e não devem assumir sozinhas o papel de todos aqueles que, de uma forma ou de outra, são responsáveis pela educação dentro e fora da escola.

1.3 Letramento Digital

O termo letramento foi concebido há algumas décadas e já agregou vários adjetivos a ele, sendo o digital apenas mais um. Hoje, fala-se muito de múltiplos letramentos ou multiletramentos, uma vez que não há somente uma forma de se praticar a leitura e a escrita socialmente.

Letramento foi definido por Soares (1998) como: “o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais”

Alguns anos depois, Soares (2002) faz uma paralelo entre o letramento convencional, aquele implantado pela escola e do texto impresso, com o letramento digital, aquele das novas tecnologias e do hipertexto. Ao primeiro, ela se refere como ligado à cultura do papel e ao segundo, como da cultura cibernética (ou cibercultura).

> É, assim, um momento privilegiado para, na ocasião mesma em que essas novas práticas de leitura e de escrita estão sendo introduzidas, captar o estado ou condição que estão instituindo: um momento privilegiado para identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais, o letramento na cibercultura, conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas, o letramento na cultura do papel (p. 146).

Como afirma Soares na citação acima, o letramento escolar, até os dias atuais, cultua e privilegia apenas a leitura e a escrita na sua forma impressa. Muitos professores ainda não reconhecem o hipertexto como forma de letramento e, portanto, o letramento digital é visto de forma marginal pelos professores, que chegam a afirmar que seus alunos não gostam de ler e escrever, apesar das dezenas

de horas por dia lendo virtualmente e escrevendo digitalmente. São concepções que precisam ser repensadas.

Talvez fosse necessário que os professores das escolas da rede pública passassem por um curso de aperfeiçoamento ou de especialização para aprender a lidar com estas novas ferramentas. Foi o que se esperava do Programa “Professor na Era Digital”, de que trataremos um pouco mais adiante.

1.4 Plataformas Virtuais

Há inúmeros recursos disponíveis para o ensino de Língua Inglesa na internet, desde textos, áudios, apresentações prontas e muitos exercícios disponibilizados por professores do mundo inteiro como material a ser compartilhado de forma gratuita. Este material está ao alcance de qualquer pessoa que saiba como usar um teclado para digitar um tópico qualquer. Não há mistérios. Talvez seja difícil para um professor criar um blog ou uma página com muitos recursos para disponibilizar seu material, mas não para se ter acesso a eles. Mas, por que tantos professores não têm conhecimento disto?

O espaço virtual em que todo o material produzido e compartilhado fica armazenado tem um endereço (URL) ou caminho eletrônico (*link*). São conhecidos como plataformas virtuais.

Um exemplo de como estas plataformas virtuais poderão auxiliar o trabalho docente será descrito na página 11 e visualizado na página 12 deste artigo.

2.O PROGRAMA “PROFESSOR NA ERA DIGITAL”

Diante do que definimos até aqui, iremos delinear, neste capítulo, em que consiste o programa lançado pelo Governo do Estado do Amazonas em 2010, intitulado “Professor na Era Digital.”

Sendo o principal propósito desta pesquisa entender como as novas tecnologias podem ser empregadas em sala de aula para dinamizar os processos de ensino e de aprendizagem, a nossa pesquisa de campo foi inteiramente voltada à compreensão de como este programa de governo vem sendo implementado e que resultados têm sido obtidos até agora nas escolas pesquisadas.

2.1 Um diagnóstico preliminar sobre a situação do ensino de Língua Inglesa nas escolas pesquisadas

Analisando como vem se dando o ensino da Língua Inglesa nos dias atuais, percebe-se que muitas coisas mudaram com o passar do tempo, principalmente com o surgimento das novas tecnologias que passaram a integrar o universo da sala de aula, tais como projetor de multimídia, o uso do computador portátil pelo professor e pelos alunos, caixas acústicas de fácil manuseio para transformar a sala de aula em laboratório de áudio, bem como o próprio celular, de uso quase que universal entre os alunos.

Tais equipamentos passaram a dinamizar o trabalho do professor, otimizar o tempo dedicado ao ensino da Língua Inglesa, tornar o processo de aprendizagem mais fácil, atraente e interessante e o processo de ensino menos tradicional.

Inicialmente, todos os professores da rede pública estadual do Amazonas haviam ganhado um *laptop*, hoje substituídos por um equipamento mais moderno (*tablet*), os quais lhes foram doados pelo governo estadual através do Programa "Professor na Era Digital" para seu uso em sala de aula com vistas à melhoria na qualidade do ensino.

No entanto, nem todos os professores beneficiados por este programa fizeram uso destes equipamentos, pois nenhum treinamento lhes foi dado para saber como utilizá-lo em sala de aula e/ou na preparação de aulas.

Em muitas escolas, apesar das novas tecnologias disponibilizadas, as aulas continuam iguais àquelas de antes. No caso da Língua Inglesa, continua-se ensinando gramática e tradução nos mesmos moldes que antes do advento destas novas tecnologias. Portanto, parece que a introdução destas não causou nenhum impacto no ensino regular na maioria das escolas públicas deste estado, o que se constitui num verdadeiro fiasco, como iremos demonstrar no capítulo seguinte.

Neste momento, a única percepção que se tem de modernidade na aula de Língua Inglesa recai apenas sobre o livro didático que, muitas vezes, de tão moderno, dificulta seu uso em sala de aula pelo professor, que ainda não está adaptado ao nível em que este se encontra.

Enfim, a realidade vivenciada pelos professores e alunos na escolas públicas da cidade de Humaitá está longe daquela que se esperava com o lançamento do Programa "Professor na Era Digital".

Há muito a se conquistar com as novas tecnologias, mas é necessário que se treine os professores para saberem como eles podem usufruir destas e propiciar aos alunos os seus benefícios. E esta parece não ter sido a preocupação do Governo do Estado do Amazonas ao lançar este programa.

Segundo Neves (2014), há uma diferença entre as concepções que se pode ter do título do programa lançado pelo Governo do Estado do Amazonas com vistas à inserção do professor no universo digital, tecnológico e virtual.

Para ela, as preposições “na” e “da” que unem os termos “professor” com “era digital” fazem uma grande diferença. O professor “na” era digital seria, portanto, um professor comum que esteja atuando num contexto em que as novas tecnologias que constituem a era digital estejam presentes sem que ele o integre. Isto é, o professor não está, de fato, inserido neste contexto. Ele seria assim chamado por integrar ao magistério num momento em que estas tecnologias estivessem em voga, mas que ele não teria que necessariamente fazer uso delas. Por outro lado, o professor “da” era digital seria aquele que estivesse se valendo de todos os recursos que estivessem lhe sendo disponibilizados.

Assim, o “professor na era digital” ainda pertence a um mundo com pouca tecnologia em que se tem conhecimento apenas do básico desta era digital, com pouca informação extraída das novas tecnologias e que não consegue avançar sozinho neste contexto e nem acompanhar o que as novas tecnologias têm de mais atual para lhe ajudar na área em que atua.

Já o “professor da era digital” não se contenta apenas com o conhecimento que sabe, mas sempre procura algo diferenciado buscando estar atualizado com os avanços das novas tecnologias que, cada vez mais, têm muito a oferecer para os professores.

Portanto, todos os professores da atualidade estão <u>na</u> Era Digital, mas nem todos podem ser chamados de Professor <u>da</u> Era Digital. Alguns professores ainda não se deram conta de que o mundo de hoje não é mais como antigamente, pois as novas tecnologias causaram uma grande revolução no mundo contemporâneo, de maneira universal, que provocou grandes mudanças também no campo educacional. O professor na era digital teria que acompanhar o avanço das novas tecnologias e buscar tirar o melhor proveito delas para suas práticas docentes.

A título de ilustração, apresentaremos duas telas que servirão de exemplos de como a internet pode facilitar a vida do professor, trazendo-lhe benefícios tais como a dinâmica e a celeridade dentro da sala de aula.

Imaginemos que um professor tenha acabado de corrigir uma série de exercícios elaborados por ele para fixar seus ensinamentos sobre o *simple past* numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental e que, ao término da correção destes exercícios, este professor tenha se dado conta de que a maioria de seus alunos ainda precisasse exercitar um pouco mais. O que ele poderia fazer para ter, de imediato, uma nova série de exercícios ao seu alcance para treinar um pouco mais com os seus alunos?

Bem, se este professor tiver ao seu alcance um *laptop* ou *tablet*, um projetor de multimídia e acesso à internet, ele poderá expor na parede da sala um exercício como o da *Figura 1* em menos de 2 minutos, um tempo bem inferior ao que ele precisaria para elaborar exercícios similares de próprio punho.

Complete the sentences with the SIMPLE PAST of the verbs in parentheses:

a) They _____ (watch) TV last night.
b) Priscila _____ (talk) to her friends all day.
c) I _____ (have) a terrible headache yesterday.
d) Bob _____ (come) home from school late.
e) They _____ (arrive) late and _____ (miss) the bus.
f) She _____ (study) hard and _____(pass) the exam.
g) He _____ (call) the office to tell them he was sick.
h) I _____ (speak) to the director as he was leaving the room.
i) Dr. Johnson _____ (get up) early this morning.
j) Mary _____ (do) her homework and _____ (go) to school.
k) Chris _____ (find) a ten-dollar bill.
l) The dog _____ (follow) us down the road.
m) Those students _____ (work) hard last semester.
n) Lúcio _____ (stop) at the corner and _____ (call) us.
o) I _____ (try) to talk to Helen last night.
p) I _____ (pay) the phone bill yesterday.
q) My dad _____ (catch) a cold when he _____ (be) in Canada.

Figura 1

Há que se ressaltar que o tempo de 2 minutos citados no parágrafo anterior seria o tempo necessário apenas para acessar à página do Google e digitar na caixa de busca as palavras-chave para se chegar ao que é mostrado na *Figura 1*. Este tempo também inclui o meio minuto para ligar o botão *on/off* do projetor de multimídia, uma vez que o tempo que se levaria para o conteúdo a ser mostrado na tela nunca passaria de alguns segundos, como pode-se ver na *Figura 2*.

Não resta dúvidas que as novas tecnologias podem facilitar a vida dos professores em sala de aula. Este foi apenas um dos tantos exemplos que poderíamos citar.

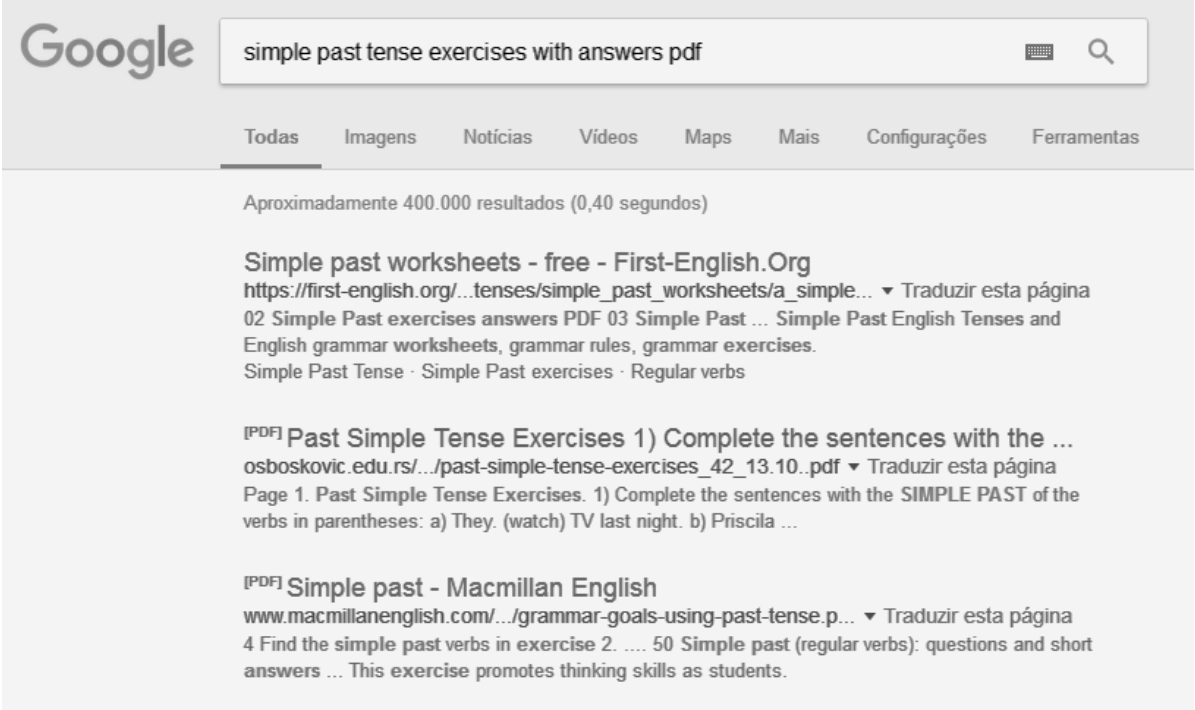


Figura 2

A maioria dos professores não considera o aparelho de telefone celular como uma nova tecnologia que poderia estar aliada ao ensino e à aprendizagem da Língua Inglesa e tal concepção não deverá mudar se estes professores não forem provocados.

De fato, os alunos parecem estar obtendo mais benefícios das novas tecnologias do que seus professores. E, no tocante ao ensino da Língua Inglesa, se

os professores passassem a ter uma nova visão sobre estas novas tecnologias a serviço do ensino e da aprendizagem da Língua Inglesa, os ganhos seriam imensuráveis tanto para um lado quanto para o outro.

Há que se fazer propostas para os sistemas de ensino reconsiderarem a forma como as novas tecnologias vem sendo introduzidas nas escolas. E também há que se avaliar os programas lançados para estes fins para que se aprimorem, sejam corrigidos, reconduzidos, relançados e que se reavalie seus propósitos e resultados alcançados.

2.2 Como o Programa "Professor na Era Digital" foi apresentado pelo Governo do Estado do Amazonas?

Conforme consta na página oficial do Governo do Estado do Amazonas na internet[9], o Programa **"Professor na Era Digital"** foi apresentado ainda como um projeto pelo Governador Omar Aziz que se destinava "a beneficiar 22 mil professores da rede estadual de ensino", que iriam receber um *notebook* e passariam a ter acesso *online* às informações e conteúdos disponíveis na *web*.

Seria o suficiente apenas o aparelho, o meio e o conteúdo para que todos os professores fossem, de fato, beneficiados? Será que todos os professores já estariam preparados para lidarem com estas novas tecnologias?

Nossa pesquisa buscou, junto aos sujeitos-respondentes, entender de que forma eles foram preparados/treinados para usarem o equipamento que lhes foi entregue pelo referido programa.

Tal questionamento nos levou a refletir acerca do conhecimento que o profissional de educação tem que ter sobre as novas tecnologias, ou seja, todos os professores que receberam o *notebook* conseguem fazer uso desta ferramenta em suas aulas?

Além de receberem um *notebook,* seria necessário também que os professores tivessem um treinamento para instruí-los sobre como eles poderiam fazer o melhor uso deles. O fornecimento de recursos tecnológicos não dispensa o treinamento para manuseá-los e torná-los uma ferramenta didática importante para o ensino de um determinado componente curricular, seja ele qual for, como citado por Morán (1999).

---

[9] http://www.amazonas.am.gov.br/2010/06/governo-do-amazonas-lana-projeto-professor-na-era-digital/

Nossa pesquisa de campo revelou que o insucesso do programa em destaque se deveu muito à falta de treinamento para os professores saberem utilizar os equipamentos em sala de aula, como detalham os professores.

3.UM OLHAR SOBRE A REALIDADE DAS ESCOLAS DA CIDADE DE HUMAITÁ

Com base nas concepções já delineadas anteriormente, partimos para a pesquisa de campo para podermos entender como os professores e os alunos das escolas da cidade de Humaitá encontram-se situados nos contextos apresentados.

A princípio, buscamos entender o quanto o Programa "Professor na Era Digital" tem impactado em suas práticas pedagógicas para, em seguida, sabermos como as aulas de Língua Inglesa têm sido beneficiadas pelas novas tecnologias, tanto aquelas em posse do professor quanto aquelas em posse dos alunos.

3.1 Sobre o uso de dispositivos tecnológicos nas aulas de Língua Inglesa

Buscando dados que norteassem nossos questionamentos em torno dos impactos gerados a partir do lançamento do programa criado pelo Governo do Estado do Amazonas e suprir todas as nossas dúvidas, criamos um questionário com 6 perguntas para ser aplicado junto aos 6 (seis) sujeitos-respondentes selecionados no início desta pesquisa para dirimir as nossas dúvidas. No entanto, somente 5 (cinco) deles nos retornaram com suas respostas.

Todas as transcrições das respostas dadas por estes 5 professores serão marcadas pelos códigos P1, P2, P3, P4 e P5, mantendo os nomes dos respondentes/pesquisados em sigilo.

Quanto à primeira questão (*se ele(a) conhecia o Programa "Professor na Era Digital"*), apenas 3 (três) respondentes disseram que sim. Nesta mesma pergunta, pedimos que eles o descrevessem, mas apenas 2 (dois) o fizeram. As duas respostas fornecidas apontam para duas visões diferentes do programa, a saber:

> Este programa é um novo recurso pedagógico que veio com o intuito de priorizar aos professores as melhores condições possíveis para o desenvolvimento de suas funções como: planejamento de aulas, atividades de pesquisa, estudos, interação com portais educativos e acesso a conteúdos pedagógicos. (P1)

> É um programa que distribui um *kit* com *notebook*, *tablet* e um *pendrive* para cada professor, porém nem todos recebem este *kit* completo e a maioria dos aparelhos vêm com problemas. (P2)

Fica evidente, na visão dos professores P1 e P2, que o programa de que estamos tratando aqui não parece ter tido a preocupação de fornecer aos professores o *know-how* mínimo para que eles pudessem fazer o melhor uso das novas tecnologias que lhes foram passadas.

O P1 o define como muito positivo, algo que pode realmente impactar nos processos de ensino e aprendizagem. Talvez isto se deva ao fato de o próprio professor respondente já ter tido adquirido algum *know-how* para lidar com estas ferramentas fora do programa. Ele apenas faz referência ao quanto o material recebido pelos professores pode lhes ser útil, mas não trata de nenhum treinamento voltado para o uso destes equipamentos dentro e fora da sala de aula.

Já o P2 não parece ver muito mérito no programa que descreve. Ele se restringe a dizer que o programa apenas distribuiu equipamentos para professores, reclamando que nem todos receberam o *kit* completo e também que muitos dos equipamentos vieram com defeitos. Na verdade, ele escreveu que "a maioria" veio com problemas, o que nos faz crer que isto se deva a uma destas duas hipóteses: *a)* o Governo do Estado do Amazonas, se entregou tais equipamentos com defeitos apenas para os professores do interior do Estado, faz prática de descriminação entre professores da capital e do interior; ou, *b)* não sendo a primeira hipótese verdadeira, distribuir equipamentos para profissionais da Educação com defeitos pode ser resultado de um "dumpring[10] interno", que é ilegal, ou pior ainda, uma manobra para justificar desvio de verbas mediante a compra de equipamentos que não valham aquele valor que se encontra na fatura paga com o dinheiro do contribuinte amazonense.

Quanto à segunda pergunta (*se o(a) professor(a) fazia uso de algum dispositivo/recurso tecnológico em sala de aula como recurso didático*), todos responderam que sim.

Independente do Governo do Estado do Amazonas ter distribuído equipamentos tecnológicos (se de última geração ou não), o fato é que todos os professores pesquisados fazem uso das novas tecnologias em suas práticas docentes de alguma forma. Três deles citaram, inclusive, o celular como exemplo de

[10] Dumping é uma prática comercial que consiste em uma ou mais empresas de um país venderem seus produtos, mercadorias ou serviços por preços extraordinariamente abaixo de seu valor justo para outro país. Extraído de https://pt.wikipedia.org/wiki/Dumping

recurso tecnológico em função do ensino e da aprendizagem. O *datashow*[11] foi citado por todos eles. Logo, conclui-se que estes professores usam seus computadores tanto no planejamento quanto na execução de suas tarefas efetivamente didático-pedagógica em sala de aula.

Como nas aulas de Língua Inglesa os professores sempre fazem uso de caixas de som para reproduzirem áudios dos textos em sala de aula (por falta de um espaço mais apropriado para tal, como laboratório), quatro dos pesquisados também citaram “caixas de som” como um equipamento que serve de recurso didático.

Todos os recursos tecnológicos usados em sala de aula citados pelos pesquisados no questionário são de propriedade da escola, exceto os *notebooks* e os celulares.

A terceira pergunta que fizemos (*o que o(a) professor(a) acha do uso do celular nas aulas de Língua Inglesa*) pretendia apenas investigar se o celular era usado como recurso auxiliar nos processos de ensino e de aprendizagem, ao que três deles responderam que o celular era uma ferramenta muito positiva nas aulas de Língua Inglesa; os outros dois se restringiram a dizer que o uso do celular é "relevante desde que direcionado ao crescimento” (P5) e que ele “oferece alguns subsídios que nos auxiliam no ensino da referida disciplina” (P4). Este último professor só percebe o valor do celular como recurso de apoio para o professor, pois, quanto ao seu uso pelos alunos, ele escreveu que, mesmo orientados, os alunos “acabam utilizando para outros fins”. Claro está que 2 (40%) dos 5 professores pesquisados não veem o celular com os mesmos bons olhos que os demais. Talvez isso se deva à falta de conhecimento, por parte do professor, de como fazer o melhor uso do celular como ferramenta auxiliar para a aprendizagem da Língua Inglesa, o que poderia ser ensinado num curso de capacitação de professores da Língua Inglesa para estes fins.

Quando perguntados sobre o uso que os alunos fazem do celular na escola, 4 (80%) deles falaram que a escola proíbe seu uso em sala de aula, mas que eles permitem seu uso durante as aulas de Língua Inglesa como complemento para a execução de tarefas relacionadas ao componente curricular. Alguns mencionaram que os alunos, na verdade, só querem o celular para usar redes sociais e não para fins didáticos.

---

[11] Todos os professores pesquisados fizeram referência ao projetor de multimídia como *datashow,* como ele é mais conhecido na cidade de Humaitá.

Acreditamos, também, que se fossem treinados para tirar o melhor proveito das novas tecnologias em sala de aula, os professores não teriam que fazer nenhuma objeção ao seu uso, uma vez que os alunos estariam sendo levados a descobrir outros usos que podem ser feitos a partir do celular.

De acordo com a última pergunta que fizemos, todos eles concordam que o celular poderia ser uma ferramenta importante como recurso extradidático nas aulas de Língua Inglesa.

A última pergunta versava sobre o quantitativo de alunos com celular que o(a) professor(a) tinha nas suas turmas.

PROFESSOR-RESPONDENTE	NÚMERO DE ALUNOS	NÚMERO DE PORTADORES DE CELULAR	PERCENTUAL
P2	305	300	**98%**
P3	576	±400	**70%**
P4	365	±218	**60%**
P5	160	90	**56%**

O quadro ao lado mostra um quantitativo muito alto apenas para as escolas onde o celular não é proibido. Obviamente, como o celular é proibido na escola de P1, este respondeu que menos de 15% de seus alunos possuem celular, um quantitativo que consideramos inconsistente, haja vista que a expansão desta nova tecnologia e sua absorção pelo mercado tem os jovens como seus maiores alvos. Seria incongruente imaginar uma escola em que apenas 1 ou 2 alunos em cada 10 sejam portadores de celular. Tanto é discrepante a informação dada que, se comparada com os demais pesquisados, podemos concluir que nas escolas de P2 e P3 o celular não é proibido, nas escolas de P4 e P5 ele é proibido apenas na sala de aula e na escola de P1 ele é integralmente proibido.

Com base nos dados aqui levantados, concluímos que nem todos os professores e todas as escolas se comportam igualmente diante das novas tecnologias e que este quadro talvez poderia ser mudado se todos os profissionais de Educação fizessem algum curso em que se mostrasse o uso e a importância que se pode abstrair das novas tecnologias como o celular, que é subutilizado dentro da escola como ferramenta didático-pedagógico, cujo uso seria de extrema relevância nas aulas de Língua Inglesa.

3.2 Sobre o Programa “Professor na Era Digital”

Intrigados com toda a divulgação feita pelo Governo do Estado do Amazonas sobre seu Programa “Professor na Era Digital” ter causado tão pouco impacto sobre o ensino da Língua Inglesa nas escolas da cidade de Humaitá, como mostram os

resultados obtidos até aqui, mediante as respostas dadas ao nosso primeiro questionário, nós buscamos, numa segunda coleta de dados, expandir nosso questionamento para os professores de outras escolas e outros componentes curriculares para entender como eles definem e defendem o referido programa do governo estadual.

Para isto, aplicamos um questionário com 8 (oito) perguntas de múltipla-escolha para obtermos dados de um número maior de respondentes de forma mais objetiva, podendo, assim, garantir, com estes dados, uma análise das questões levantadas no item anterior com mais solidez e mais propriedade.

Foram aplicados 40 (quarenta) questionários e 39 (trinta e nove) nos foram retornados, cujos respondentes serão citados pelos códigos de P6 até P44.

Destes professores, 9 (nove) pertencem apenas à rede municipal de ensino, 24 (vinte e quatro) são do quadro da rede estadual e 6 (seis) pertencem tanto à rede municipal quanto estadual.

Quisemos, de início, saber quantos deles foram contemplados pelo Programa "Professor na Era Digital". Daí, fizemos a pergunta: *O(A) senhor(a) recebeu algum equipamento do Governo do Estado do Amazonas em nome do Programa "Professor na Era Digital?*"

31 (trinta e um) dos professores pesquisados responderam que sim e 8 (oito) responderam que não.

Dos que responderam que sim, 19 (60%) disseram que fazem uso destes equipamentos em sala de aula e 12 (40%) disseram que não.

Tentando entender se havia diferença na adoção destes equipamentos em sala de aula por parte da rede de ensino a que pertenciam o professor, dividimos os dados coletados através deste questionário em três grupos: A – Professores apenas da Rede Municipal (05 respondentes); B – Professores apenas da Rede Estadual (19 respondentes); C – Professores que atuam nas duas redes (06 respondentes).

No grupo A, dos 05 pesquisados, 3 (três), ou seja, 60% disseram que NÃO fazem uso destes equipamentos. Apenas 2 deles disseram que os utilizavam em sala de aula.

No grupo B, dos 19 respondentes, 14 (quatorze) disseram que faziam uso do equipamento em sala de aula, ao passo que apenas 5 (cinco) disseram que não.

No grupo C, dos 6 professores respondentes que pertencem a ambas redes (P15, P16, P24, P36, P39 e P41), 3 (três) disseram que faziam uso do equipamento recebido e 3 (três) disseram que não.

Com base nos dados analisados por grupo, entendemos que não há como referendar qualquer tendência ao uso destes equipamentos por parte da rede a que o professor integre, se tomarmos o resultado apresentado isoladamente pelos respondentes do grupo C

Já, ao tomarmos os resultados do grupo A, apontaríamos uma pequena tendência à rejeição destes equipamentos como ferramentas auxiliares nos processos de ensino e aprendizagem no âmbito da sala de aula, uma vez que a maioria disse não utilizar tais equipamentos durante as aulas, o que não implica que eles possam fazer uso deles fora de sala de aula, para planejamento das aulas, elaboração de provas etc

Portanto, são os dados apresentados pelos pesquisados do grupo B que vão melhor definir a tendência dos professores à adoção destes equipamentos em sala de aula. 73,7% dos respondentes disseram que faziam uso dos equipamentos recebidos em sala de aula, contra apenas 26,3%.

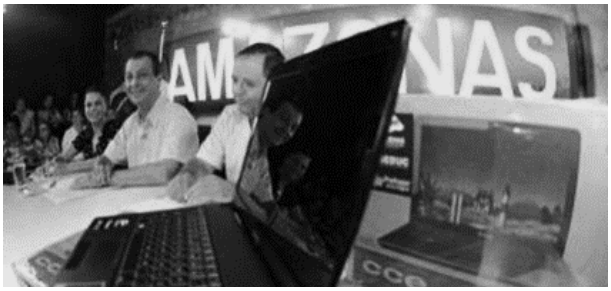
No cômputo geral, são 19 docentes que dizem fazer uso das novas tecnologias em sala de aula, isto é, 63,3%, contra apenas 11 que não fazem, o que representa 36,7.

Podemos, com isto, afirmar que a grande maioria dos professores pesquisados fazem uso dos equipamentos que receberam do Programa “Professor na Era Digital”.

Quanto à pergunta: *O(A) senhor(a) recebeu algum treinamento para saber como melhor usar este equipamento em sala de aula?*, obtivemos o seguinte resultado: apenas 3 dos respondentes disseram que sim (P17, P18 e P43). 90% dos professores que receberam tais equipamentos do programa em questão não tiveram qualquer treinamento para saber como melhor utilizá-los.

É possível que os únicos professores que se disseram treinados estejam se referindo apenas a um treinamento para saber como operar o equipamento que recebeu e não para tirar dele o melhor proveito como recurso didático e explorar todas as potencialidades que tal equipamento pode oferecer a um docente.

Seria estranho que, de um total de 30 (trinta) professores contemplados com um *notebook (vide* foto ao lado*)*, apenas 3 (três) professores fossem treinados para usar tais equipamentos como recurso auxiliar nos processos de ensino e de aprendizagem.



http://rionegroam.blogspot.com/2011/05/professores-ingressam-na-era-digital.html

Entendemos que o treinamento para professores devesse incluir o uso de *softwares* educativos, aquisição de técnicas para pesquisa e publicações na internet, manuseio de aplicativos para edição de textos e apresentações em tela, bem como a criação de hipertextos enriquecidos com *links*, imagens, vídeos, ícones etc.

Ao serem questionados se tinham acesso ao sinal de internet na escola, 14 (quatorze) respondentes disseram que SIM, 16 (dezesseis) disseram que NÃO, e apenas o P15 não respondeu a esta questão.

Com base nas respostas dadas acima, entendemos que metade das escolas em que atuam os respondentes tem serviço de internet, isto é, 50% das escolas, o que representa um percentual muito baixo para que se lance um programa que tenha como título “Professor na Era Digital”.

Sobre a questão do acesso de internet para os alunos, perguntamos: *Seus alunos tem acesso ao sinal de internet em sala de aula?* Foram 29 respostas negativas contra apenas duas positivas (as dos respondentes P15 e P23).

Obviamente, a nossa pesquisa demonstra que há muito o que fazer para que as escolas da cidade de Humaitá passem a integrar os programas de inclusão digital do próprio governo.

Fica difícil imaginar que os alunos possam usar seus celulares para fazerem uma pesquisa junto ao maior banco de dados do mundo sem que a escola lhes disponibilize o sinal de acesso à internet.

Conforme foi mostrado acima, aproximadamente metade dos professores tem acesso à internet na escola, mas quase nenhum aluno tem o mesmo privilégio, o que nos leva a crer que a escola não disponibilize o sinal que tem à sua disposição.

Talvez esta resposta esteja atrelada à questão da proibição do celular em sala de aula, algo que parece incompatível com tudo o que é disseminado hoje com os termos já abordados neste estudo: cibercultura, ciberespaço, novas tecnologias, inclusão digital, letramento digital etc.

A negação do acesso à internet em sala de aula, seja ele via celular ou computador portátil, não condiz com a propagação de programas que anunciam palavras que não passam de mágicas, tais como “era digital”, “novas tecnologias” e “inclusão digital”, por exemplo.

Ao invés de fazer a inclusão dos alunos no mundo digital, a escola, ao proibir o acesso à internet, faz exatamente o contrário, ela exclui os alunos deste universo.

As três últimas questões foram analisadas a partir dos dados quantitativos apresentados nos quadros abaixo:

Para a sexta pergunta feita, dos 31 professores, somente P35 não nos deu sua resposta.

PERGUNTA 6	**Mais de 2 horas**	**Entre 1 e 2 horas**	**Menos de 1 hora**
Quantas horas por dia o(a) senhor(a) se conecta à internet?	15	8	7
PERCENTUAL	**48,3%**	**25%**	**22,5%**

Como podemos observar no resultado acima, metade dos pesquisados passa menos de uma hora por dia conectada à internet, o que é muito pouco. Isto, talvez, se deva ao fato de muitos professores não terem acesso à internet em suas residências e só terem acesso a esta na escola.

Também coincide o fato de o percentual de professores que passam mais de duas horas por dia conectados à internet seja relativamente próximo àquele percentual de professores que têm acesso à internet na escola.

A sétima pergunta tentou nos mostrar a relevância da internet na prática docente dos pesquisados.

PERGUNTA 7	**Mais de 2**	**Duas vezes**	**Menos de 2**
Quantas vezes por semana, o(a) senhor busca na internet conteúdos específicos para ajudarem a dinamizar o ensino, seja para se atualizar ou empregar em suas aulas?	17	5	9
PERCENTUAL	**54,8%**	**16,1%**	**29,1**

Levando-se em conta que, para os sistemas de ensino, todos os professores da Educação Básica da cidade de Humaitá deveriam estar inseridos no Programa “Professor na Era Digital”, o percentual apresentado no quadro acima mostra que

falta muito para que os professores pesquisados tenham a internet como uma grande aliada ao ensino e seja uma facilitadora tanto do processo de ensino quanto de aprendizagem.

Talvez este percentual se deva à falta de treinamento para que os professores descubram todo o potencial que a internet e as outras mídias ligadas a ela têm em favor do ensino e da aprendizagem ou, quem sabe, não se deva também ao mesmo fato de que tratamos na questão anterior: o de só metade dos professores terem acesso ilimitado à internet na escola.

A oitava pergunta tentou nos mostrar a importância dos equipamentos recebidos pelos pesquisados em suas práticas docentes.

Podemos observar, pelos resultados do quadro abaixo, que os professores não fazem bom proveito dos equipamentos recebidos para seu uso favor do ensino. Desta forma, eles continuam levando conhecimento aos alunos através das mesmas práticas que já usavam antes de receber tais equipamentos. 19 dos pesquisados (64,5%) parecem não se enquadrar no perfil do que o Programa “Professor na Era Digital” pretendia, quando do seu lançamento. Talvez isso também se deva à falta de treinamento.

PERGUNTA 8	**Muito**	**Mais ou menos**	**Pouco**	**Em nada**
Quanto o equipamento recebido pelo Programa “Professor na Era Digital” o(a) ajuda na preparação e aplicação de aulas, exercícios e provas?	11	7	8	5
PERCENTUAL	**35,5%**	**22,6%**	**25,8%**	**16,1%**

Como demonstrado através das respostas dadas pelos respondentes desta pesquisa, falta muito para que o Programa “Professor na Era Digital” alcance os objetivos anunciados pelo Governador do Estado do Amazonas em seu lançamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo mostrou, através das pesquisas feitas para chegarmos até aqui, que a realidade das escolas públicas da cidade de Humaitá ainda está longe de alcançar os patamares descritos pelos teóricos abordados em sua primeira fase.

Após oito anos desde o seu lançamento, os sistemas de ensino parecem não estar preocupados com os resultados pífios demonstrados até agora pelo Programa ”Professor na Era Digital”, pois nunca deram qualquer treinamento no sentido de fazer com que os professores entendessem como deveriam utilizar tais ferramentas em sala de aula como recursos didáticos, visando à inovação e melhoria na qualidade do ensino ofertado aos alunos das escolas públicas de todo o Amazonas.

Na cidade de Humaitá, que está bem à frente de outros municípios mais isolados, onde o sinal de internet é bom, nem todas as escolas oferecem sinal de internet (*wi-fi*) para seus professores, muito menos para os alunos.

Desta forma, não acreditamos num programa que não disponha de dois recursos que minimamente fariam este programa funcionar: o investimento no treinamento dos professores e a disponibilidade de sinal de internet para que professores e alunos pudessem interagir com o maior banco de dados do planeta, que é a grande rede mundial de computadores.

De acordo com a pesquisa de campo, tais investimentos não foram e não estão sendo feitos na maioria das escolas.

A realidade dos professores não pode ser ignorada pelo governo. Quando se cria um programa com tamanha dimensão, deve-se atentar para os mínimos detalhes em relação à formação do próprio docente para que ele dê certo.

Enfim, recomendamos que os responsáveis pelo Programa “Professor na Era Digital” revejam todas as ações que foram desenvolvidas até aqui e levem em consideração a urgência da execução de todas as ações que não foram postas em prática, como foi demonstrado, para que este possa alcançar algum sucesso no futuro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão Final. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso feito no mês de julho de 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

NEVES, Alexsandra Moraes. **O que é ser professor de Língua Inglesa na era digital?** TCC. Humaitá: UFAM, 2014

MORÁN, José Manuel. **O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD** - uma leitura crítica dos meios**.** Palestra proferida no Programa TV Escola realizado pela COPEAD/SEED/MEC em Belo Horizonte e Fortaleza, no ano de 1999.

SOARES Magda**. Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____**. Novas Práticas de Leitura e Escrita:** Letramento na Cibercultura. ***In:*** Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 Disponível em http://www.cedes.unicamp.br. Acessos feitos no meses de maio e julho de 2018.